ISSN: 2358-8829

DO PLANEJAMENTO À PRÁTICA: O MUSEU COMO TERRITÓRIO DE APRENDIZAGEM E A ARTICULAÇÃO CURRICULAR COM A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR(BNCC)

Rafael Dias Silva [1]
Lilian Maria Ghiuro Passarelli[2]

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa insere-se na interseção entre a Formação de Professores, a atuação nos Espaços Museais e a articulação com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Parte-se do princípio de que os museus são territórios educativos e espaços fundamentais de aprendizagem não formal que enriquecem a prática docente, alinham-se às competências da BNCC e ampliam o repertório cultural dos estudantes. O foco do trabalho é estreitar a ligação entre o planejamento do quotidiano escolar e esses territórios, integrando a formação docente, a teoria pedagógica e as diretrizes curriculares nacionais às experiências práticas nos espaços museais.

A investigação fundamenta-se na trajetória do próprio pesquisador, que reúne bagagem no ensino de Ciências da Natureza, formação em Letras e experiência na formação continuada de professores na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Desde 2021, essa atuação foca-se na educação museal, com destaque para a parceria com o Museu da Língua Portuguesa, envolvendo a elaboração de materiais didáticos alinhados

[1] Mestrando em Formação de Formadores (Formep), turma 14, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Especialista em Educação Inclusiva e Gestão Museal, Graduado em Ciências da Natureza pela Universidade de São Paulo (USP) e em Letras/Libras. Professor de Libras na Faculdade Anclivepa - SP e Membro do Conselho Internacional de Museus (ICOM) no Brasil e na França. E-mail: rafael.dias.silva@alumni.usp.br;

[2] Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação: Formação de Formadores - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: lghiurop@puscp.sp

à BNCC, a condução de visitas monitorizadas e a gestão de formações contínuas de educadores a nível nacional e internacional.

Com base nessa caminhada, o estudo investiga como a formação de professores voltada ao uso intencional dos espaços museais pode alavancar as práticas pedagógicas e garantir a efetiva articulação com a BNCC. Analisam-se as ações desenvolvidas antes, durante e depois das visitas educativas, bem como as necessidades e lacunas na formação docente para planejar e atuar de forma autônoma nesses espaços não formais.

O aporte teórico baseia-se nos conceitos de educação museal, mediação cultural, desenvolvimento profissional na formação de professores e alinhamento curricular com a BNCC, com o objetivo final de propor estratégias práticas que aprimorem o planejamento das visitas educativas e consolidem formações verdadeiramente transformadoras.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que adota a pesquisa-ação como abordagem metodológica, fundamentada na perspectiva de Thiollent (2011, p. 20), que a conceitua como uma "pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo". Essa abordagem permite que o pesquisador atue na formação de professores de forma participante e mediadora nos espaços museais (notadamente no Museu da Língua Portuguesa), articulando a práxis docente e os alinhamentos da BNCC às potencialidades do acervo.

A produção de dados qualitativos foi estruturada em três momentos complementares, articulando formação docente, BNCC e espaços museais: a Experiência Sensível com o Museu, fase inicial voltada à visita técnica e à aplicação de formulário diagnóstico (Google Forms) para mapeamento do perfil docente, histórico de visitas, necessidades de formação de professores quanto ao uso de espaços museais e conhecimento das possibilidades de articulação com a BNCC; o Atelier Pedagógico, fase colaborativa de formação de professores, na qual se elaboraram roteiros didáticos aplicados aos espaços museais e alinhados aos componentes e competências gerais e

ISSN: 2358-8829

específicas da BNCC, realizando-se a visitação com os estudantes, a aplicação de grupo focal com os docentes e um questionário semiestruturado; e a Performance de Desdobramento, etapa de consolidação e avaliação pós-visita, que consiste na análise das produções pedagógicas e transposições curriculares da BNCC desenvolvidas pelos docentes em sala de aula após vivenciarem os espaços museais, culminando na aplicação de questionário final com perguntas abertas e fechadas.

A pesquisa contou com a participação de 30 docentes da Educação Básica das redes pública e privada de ensino.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender o papel pedagógico dos espaços museais e sua integração à formação de professores e às diretrizes da BNCC, é fundamental desconstruir a visão simplista que os situa apenas no campo do lazer contemplativo. Na realidade, o museu emerge como um território híbrido, capaz de transitar e integrar as esferas da educação formal (sistematizada e curricular), não formal (intencional e organizada fora do ambiente escolar) e informal (processo espontâneo da experiência cotidiana).

Coombs e Ahmed (1974) sistematizaram esse conceito ao afirmarem que:

> [...] a educação formal compreenderia o sistema educacional altamente institucionalizado, cronologicamente graduado e hierarquicamente estruturado que vai dos primeiros anos da escola primária até os últimos da universidade. A educação não formal é toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial, para facilitar determinados tipos de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto adultos como infantis e a educação informal um processo que dura a vida inteira, em que as pessoas adquirem e acumulam conhecimento, habilidades, atitudes e modos de discernimento por meio das experiências diárias e de sua relação com o meio (Coombs; Ahmed, 1974, p. 27).

No âmbito normativo das políticas públicas para a educação e formação docente, o Parecer CNE/CP nº 4/2024 reforça a dimensão metodológica e a intencionalidade do trabalho com referenciais curriculares como a BNCC ao ressaltar:

> [...] o exercício da docência como ação educativa, a partir da condução de processos pedagógicos intencionais e metódicos, os quais baseiam-se [sic] em conhecimentos e conceitos próprios da docência e das especificidades das diferentes áreas do conhecimento, incluindo o domínio e manejo de conteúdos

> e metodologias, diferentes linguagens, tecnologias, evidências científicas e inovações (Brasil, 2024, p. 2).

A articulação entre a BNCC e a prática pedagógica exige que a formação de professores prepare os educadores para compreenderem os espaços museais não como meros locais de passeio recreativo, mas como territórios de aprendizagem e de mediação curricular. Conforme adverte Hooper-Greenhill (1998, p. 11), "todo o processo de comunicação atua como um conjunto de mensagens intencionadas, que também pode ser entendido como um conjunto de mensagens não-intencionadas". As mensagens não intencionadas emergem no decorrer da exploração sensorial e das interações vivenciadas pelos sujeitos nesses espaços.

À luz da teoria sociocultural de Vygotsky (1987), as interações mediadas pelos objetos e acervos nos espaços museais atuam na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), impulsionando a formação de conceitos científicos e o desenvolvimento de habilidades previstas na BNCC. Essa perspectiva dialoga com o pensamento de Dewey (1918), que já apontava a necessidade de examinar a educação mais ampla e eficiente propiciada pelo curso ordinário da vida para iluminar os procedimentos de ensino e o planejamento curricular no contexto escolar.

A Resolução Normativa nº 40 do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) sinaliza a educação museal como:

> [...] função essencial dos museus e prática interdisciplinar que visa propiciar reflexão e formação integral a públicos visitantes, potenciais e não visitantes pela ativação do conteúdo museal em vivências culturais mediadas, dialógicas e acessíveis. É constituída pelo conjunto de abordagens teóricas, metodologias e instrumentos próprios à pesquisa, ao planejamento, desenvolvimento e avaliação de práticas educativas, em articulação permanente com comunidades, museus, centros culturais, pontos de memória e demais processos museológicos (Brasil, 2025).

A norma consolida os programas educativos e culturais nos espaços museais como instrumentos estratégicos alinhados à formação docente e ao currículo. Essa visão converge com a nova definição de museu aprovada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM, 2022, p. 3), que define o museu como uma "instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e

expõe o patrimônio material e imaterial", primando pela acessibilidade, inclusão e diversidade.

Para que a transição entre o currículo formal (BNCC) e a experiência nos espaços museais promova o protagonismo do estudante, a intencionalidade pedagógica exercitada na formação de professores deve dialogar com o conceito de circularidade dos saberes proposto por Martinand (2002), uma vez que:

> [...] tem a função de escapar do caráter unívoco dos processos de transferência e de difusão. Ela incita a examinar em que medida e como os receptores são também emissores; como, portanto, aquilo que era pensado como aplicação reage sobre a pesquisa. De fato, sempre há encontros e trocas, mais ou menos mediados; a pesquisa não é uma prática isolada. (Martinand, 2002, p. 89).

Ao transpor essa reflexão para os espaços museais como territórios educativos, a mediação docente articulada à BNCC permite ao estudante retornar aos conteúdos e temas sob novos olhares, rompendo com a linearidade e transformando a aprendizagem em um processo espiralado de reconstrução conceitual.

Nesse percurso formativo, a dimensão afetiva desempenha papel estruturante, uma vez que a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem e o papel da afetividade são determinantes para aumentar a eficácia pedagógica e qualificar os programas de formação de professores. Passarelli (2002) acrescenta que a universidade e os espaços formadores precisam incentivar o aprendizado permanente e a convivência com as incertezas:

> [...] a dominância do raciocínio cartesiano tem emperrado a percepção de que melhorar o mundo requer o aprendizado da convivência com os paradoxos. Precisamos aprender que a complementaridade de pontos de vista pode proporcionar saídas transformadoras pelas quais desde sempre ansiamos (Passarelli, 2002, p. 76).

Complementarmente, Vasconcellos (2019, p. 11) reforça que o material pedagógico e os roteiros educativos construídos na formação de professores devem provocar situações ativas de aprendizagem, estimulando as habilidades da BNCC por meio da manipulação de suportes concretos nos espaços museais. Todavia, Vasconcellos

(2011, p. 37) pondera que a mediação desenvolvida na escola e no museu deve atuar de forma articulada: "parte-se de uma relação dialógica priorizando as questões do cotidiano dos grupos que se está recebendo e busca-se a participação dos educandos num processo ativo de construção e apropriação de conhecimento".

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A metodologia ancorada na linguagem teatral permitiu acompanhar a evolução do repertório docente de forma processual e performativa. Com base nos dados preliminares recolhidos com os professores e mestrandos do Formep/PUC-SP, identificaram-se os diagnósticos centrais e parciais acerca da ligação entre a escola e os espaços museais. Cabe ressaltar que os professores participantes iniciaram uma observação mais detalhada dos seus respectivos componentes curriculares, associando a prática pedagógica às visitas aos espaços museais. A consolidação final dos dados será efetuada no encerramento da pesquisa.

Em relação à formação docente e à lacuna teórico-prática, notou-se um défice expressivo na formação inicial e continuada quanto à Educação Museal. A maioria dos docentes nunca recebeu orientação teórica ou prática para usar museus na sua prática diária, parte teve apenas abordagens superficiais e uma minoria contou com formação específica sobre o tema, refletindo-se na insegurança metodológica no momento do planeamento de atividades educativas para museus.

Quanto à frequência de visitas e obstáculos logísticos e didáticos, observa-se que, devido às barreiras estruturais e à falta de formação, mais da metade dos docentes não levaram alunos a museus nos últimos anos, enquanto apenas uma parcela reduzida promoveu visitas com maior frequência. Além dos entraves de transporte e orçamento na rede pública, sobressaem-se dois grandes desafios pedagógicos: a gestão de comportamento dos estudantes em espaços não formais e a insegurança para realizar a mediação sem o apoio da equipa do museu.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os registros destacam o grande interesse dos professores em qualificar suas práticas pedagógicas no espaço do museu. Mesmo com a pesquisa em fase de sistematização das etapas pós-visita, os resultados parciais já trazem contribuições valiosas para a Museologia, Mediação Cultural e Base Nacional Comum Curricular.

Construir uma parceria verdadeiramente transformadora entre museus e escolas exige ir além de passeios esporádicos ou recreativos. É preciso estruturar visitas intencionais, capazes de expandir o repertório conceitual, cultural e crítico dos alunos.

Os dados mostram que os educadores buscam protagonismo e autonomia, e não apenas o papel de acompanhantes. Por isso, os setores educativos dos museus devem apostar em mediações compartilhadas e formações prévias que preparem os docentes para liderar essas experiências.

Além disso, essa integração vai além da visita presencial: a alta procura por materiais pedagógicos e maletas itinerantes reforça que o trabalho do museu deve começar antes da visita e continuar no dia a dia da sala de aula.

Por fim, ao expor gargalos práticos como o transporte e a infraestrutura, a pesquisa oferece bases sólidas para articular políticas públicas entre educação e cultura. Somente com o alinhamento entre as instituições e a análise contínua da realidade em campo será possível superar as barreiras de acesso e garantir a democratização da cultura.

Palavras-chave: EDUCAÇÃO MUSEAL, PLANEJAMENTO ESCOLAR, BNCC, MOVIMENTO OPERATÓRIO, PRÁTICA DOCENTE

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. Psicologia da Educação, São Paulo, n. 20, p. 11-30, jun. 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica. Brasília, DF: MEC, 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Resolução Normativa nº 40, de 03 de dezembro de 2025. Aprova a Política Nacional de Educação Museal – PNEM. Brasília, DF: Ibram, 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

COOMBS, Philip Hall; AHMED, Manzoor. Attacking rural poverty: how non-formal education can help. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.

DEWEY, John. Las escuelas de mañana. Madrid: Librería de los Sucesores de Hernando, 1918.

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília, DF: UNESCO, 2009.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. Los museos y sus visitantes. Sevilla: Ediciones Trea, 1998.

ICOM (International Council of Museums). Nova definição de museu. Praga: ICOM, 2022. Disponível em: https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu/. Acesso em: 23 fev. 2026.

MARTINAND, Jean-Louis. La médiation : un concept pour la recherche en didactique ? Aster, Paris, n. 35, p. 89-107, 2002.

MOUTINHO, Mário; PRIMO, Judite (org.). Sociomuseologia: para uma leitura crítica do mundo. Lisboa: Universidade Lusófona / CeiED, 2021.

PASSARELLI, Lilian Maria Ghiuro. Teoria e prática na educação linguística continuada. 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA, Rafael Dias. Criando estratégias educativas nos espaços museais: uma prática inclusiva e significativa para visitantes surdos. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360232291_CRIANDO_ESTRATEGIAS_EDUCATIVAS_NOS_ESPACOS_MUSEAIS_UMA_PRATICA_INCLUSIVA_E_SIGNIFICATIVA_PARA_VISITANTES_SURDOS. Acesso em: 20 mar. 2025.

SILVA, Rafael Dias. Promovendo a educação inclusiva: museus acessíveis e experiências adaptadas para visitantes com transtorno do espectro autista (TEA). In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 10., 2024. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/111842. Acesso em: 20 mar. 2025.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. A Educação Patrimonial nos Museus de Arqueologia e na Arqueologia Preventiva: bases para um diálogo efetivo. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, supl. 11, p. 31-39, 2011.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Arqueologia e educação patrimonial: a experiência do MAE-USP. Revista CPC, São Paulo, v. 14, n. 27esp, p. 255-279, 2019.

VIGOTSKY, Lev Semionovich. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VLACHOU, Maria. Musing on culture: management, communications and our relationships with people. Lisbon: Bypass, 2013.